



Fronteiras: Revista Catarinense de

História

ISSN: 1415-8701

samira.moretto@uffs.edu.br

Universidade Federal da Fronteira Sul

Brasil

Schütz Leite, M.^a Helena; Frighetto, Renan
Multiculturalidade e a Christiana Civilitas na Britannia de Gildas (s. VI)
Fronteiras: Revista Catarinense de História, núm. 35, 2020, pp. 70-91
Universidade Federal da Fronteira Sul

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672072507006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Multiculturalidade e a *Christiana Civitas* na *Britannia* de Gildas (s. VI)¹

Multiculturality and the *Christiana Civitas* in Gildas' *Britannia* (6th century)

M.^a Helena Schütz Leite¹
Prof. Dr. Renan Frighetto²

Resumo

O período que parte da historiografia atual denomina de Antiguidade Tardia foi marcado tanto por rupturas quanto por continuidades com o passado, causando uma série de transformações em praticamente todos os aspectos da sociedade tardo antiga. Este trabalho busca contribuir para a compreensão desse período ao observar o caso específico da *Britannia* no século VI, uma região que esteve em contato com diferentes grupos desde o período chamado de Idade do Ferro e, portanto, é constituída de múltiplas culturas e identidades. Nesse contexto, analisamos em especial a obra de *De Excidio Britanniae* de um clérigo britânico chamada Gildas, tendo como principal objetivo entender como a construção de uma ideia de comunidade cristã nos auxilia à compreender o tom de Gildas em referência à uma unificação e identificação que ia além das fronteiras dos reinos existentes na *Britannia* do século VI.

Palavras-chave: *Britannia; Christiana Civitas; Gildas.*

Abstract

The period that part of the current historiography calls Late Antiquity was marked by both ruptures and continuities with the past, causing a series of transformations in practically all aspects of late antique society. This work seeks to contribute to the understanding of this period by looking at the specific case of *Britannia* in the 6th century, a region that has been in contact with different groups since the period called the Iron Age and, therefore, is made up of multiple cultures and identities. In this context, we analyze in particular the work *De Excidio Britanniae* by a British clergyman called Gildas, with the main objective of understanding how the construction of an idea of Christian community helps us to understand Gildas' tone about a unification and identification that went beyond the borders of the kingdoms in 6th century *Britannia*.

Keywords: *Britannia; Christiana Civitas; Gildas.*

Introdução

Nas décadas de 1970 e 1980, autores como Peter Brown e Henri-Irénée Marrou passaram a questionar a visão pejorativa que até então predominava as análises dos séculos III a VIII d. C.. Estes autores buscaram no conceito de Antiguidade Tardia uma forma de valorizar o arco cronológico entre a Antiguidade e o Medievo, repensando as abordagens sobre ele (BROWN, 1971; MARROU, 1977). A historiografia passou então a compreender o período

¹ Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (2019). Graduada em História pela Universidade Regional de Blumenau – FURB (2017). Membro discente do NEMED/UFPR. Contato: helena.schutzleite@gmail.com

² Doutor em História Antiga pela Universidade de Salamanca (1996), na Espanha; mestre em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990); professor associado da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba/PR, Brasil – Departamento de História. Pesquisador 1D CNPq; pesquisador do NEMED/UFPR. Contato: rfrighetto@hotmail.com

representado pelo conceito de Antiguidade Tardia como uma nova e vigorosa civilização, seria muito mais do que a simples passagem de um período para outro. Para Marrou, a Antiguidade Tardia seria "outra civilização, cuja originalidade precisamos aprender a reconhecer e a apreciar em seus próprios termos em vez de seguirmos os critérios de épocas passadas" (1977, p. 13).

Partindo dessa abordagem historiográfica, buscamos neste trabalho explorar este contexto a partir da noção de "transformações", embora seja necessário afirmar que tal termo não desconsidera as rupturas e conflitos que ocorreram em diversas regiões e em diferentes momentos, mas sim assinala para o potencial modificador de tais questões. Além disso, é preciso lembrar as múltiplas culturas e identidades que compunham os mundos tardo antigos. Nesse sentido, temos como objetivo neste trabalho explorar uma região em específico: a *Britannia* no século VI, na intenção de compreendermos as transformações que afetaram sua população após a retirada militar romana da Ilha.

Também na região da atual Grã-Bretanha ocorreram conflitos e foram percebidos os efeitos do fim do Império romano do Ocidente. Afinal, longe de fazer sentido a ideia de que, por ser uma Ilha, a *Britannia* estaria isolada dos acontecimentos no Continente, esta foi, na realidade, muitas vezes participante fundamental no desdobramento de momentos decisivos para o futuro de Roma. De acordo com Michael Fulford, entre o primeiro século a.C e a metade do terceiro, é possível perceber uma relação constante entre o mundo romano e a *Britannia* por meio da troca e comércio de milhares de bens de consumo, como vinho, azeite de oliva e outros artefatos que são encontrados na cultura material da Ilha (2007, p. 54).

Nesse sentido, embora a *Britannia* no final do século IV e início do V já não demonstre a produção de moedas e nem mais utiliza-se da moeda imperial (CHARLES-EDWARDS, 2013, p. 221), as evidências arqueológicas, como as encontradas em Tintagel, localizada na costa da Cornualha, apontam para uma visível atividade comercial e para o fato de que os britânicos não estavam isolados durante os séculos V e VI, mas que mantinham relações comerciais com a Gália, o Norte da África e com o Mediterrâneo (SNYDER, 2003, p. 99).

E ainda, mesmo tendo sido uma das últimas regiões anexadas ao Império romano, a *Britannia*, assim como outros lugares, é um território que não pode ser pensado como submissivo à influência administrativa e cultural de Roma, nem podemos pensar na Ilha como estando deslocada e tendo, por isto, uma cultura e sociedade "pura" e sem influências de outros povos que entravam em contato com a região desde o período conhecido como Idade do Bronze britânica (2.500 a.C. - 800 a.C). Da mesma maneira, quando já não estava mais sob a influência

militar romana, a cultura e o modo de vida na Ilha não voltaram a ser como no período anterior à colonização de Roma.

Veremos ao longo deste trabalho que na *Britannia* criou-se um contexto específico que continha tanto elementos de transformação como de continuidade, afinal, as novas visões que encontramos na Antiguidade Tardia ainda "seguiram as pegadas da tradição greco-latina, mas sem repeti-las, estabelecendo visões mais amplas sobre ideias já reconhecidas" (FRIGHETTO, 2007, p. 204). O Cristianismo é um dos elementos que caracterizam essa dinâmica entre o passado e suas tradições e a criação de novas narrativas, ainda que inspiradas e baseadas em práticas e ideias concebidas anteriormente. É importante destacar que quando falamos em Cristianismo, em nenhum momento acreditamos que as práticas dessa religião fossem homogêneas ou completamente estabelecidas por todos os territórios nos quais a religião era praticada. Nesse sentido, quando mencionamos a expansão e difusão do Cristianismo, entendemos isto como um longo processo que construiu e transformou a crença cristã.

No caso da *Britannia*, não podemos ter uma visão muito clara da difusão desta religião em relação a outras já praticadas ou até mesmo quanto a sua propagação ao longo do território britânico. Mesmo assim, parece ter ocorrido um crescimento das práticas cristãs com o decorrer do tempo e se observarmos a cultura material da região, podemos inferir que no final do século IV o Cristianismo teria se tornado a religião dominante da *Britannia* romana (DUMVILLE, 1997, p. 88-90).

Para Gildas,² um clérigo britânico que teria vivido na Ilha na primeira metade do século VI, o Cristianismo é um elemento indissociável de sua narrativa. Portanto, compreender como este estava estabelecido na Antiguidade Tardia é também atentar para uma compreensão da forma como Gildas percebia o mundo a sua volta por meio da religião cristã. Neste artigo trabalharemos com um aspecto específico do Cristianismo que se fortaleceu ao longo da Antiguidade Tardia até o Medievo, a formação de uma identificação entre indivíduos tendo a religião como ponto de união.

A *Britannia* de Gildas: multiculturalidade na Antiguidade Tardia

No entanto, antes de atentarmos para uma análise do Cristianismo na Antiguidade Tardia e em especial, na *Britannia* do século VI, é preciso lembrar que esta região também estava inserida em um contexto de constante movimentação e, dessa maneira, é necessário efetuarmos alguns questionamentos, como: o que era, no século VI, em termos territoriais, essa *Britannia*? Quem eram os britânicos, ou quem habitava a Ilha nesse período?

Muito antes das invasões efetuadas por Roma, a Ilha era habitada por várias tribos independentes que possuíam o controle de diferentes regiões e tinham "religiões, costumes e tradições distintos daqueles dos invasores" (BELO, 2018, p. 23), assim como diferenças entre as suas próprias crenças e culturas. Nesse sentido, tinham perspectivas de identidade social separadas e não se compreendiam, necessariamente, como uma grande unidade. Percebiam-se como *catuvellaunii* ou *brigantii* e não como britânicos. Podemos verificar essa questão quando os romanos entram em contato com os habitantes da Ilha. Assim, quando Julio César enfrenta Cassivellauno, rei dos *catuvellauni*, em 54 a.C. recebe o auxílio da tribo vizinha, os *trinovanti*, que já possuía conflitos com os *catuvellauni* (Ibidem, p. 79).

No momento no qual o governo romano finalmente inicia um processo efetivo de colonização da *Britannia*, ele se utiliza em parte das estruturas já existentes na Ilha, dividindo a região primeiramente em duas províncias, *Britannia inferior* (York) e *Britannia superior* (Londres), e a partir do final do século III, com as reformas efetuadas pelo então Imperador Diocleciano, a Ilha passou a ser dividida entre as províncias *Britannia Prima* (Cirencester), *Britannia Secunda* (York), *Flavia Caesarensis* (Lincoln) e *Maxima Caesariensis* (Londres) que formavam a diocese conhecida como *Britanniae*, isto é, as Britâncias, no plural.

Com a dominação de Roma, a tradicional estrutura administrativa desta foi implantada, mas como visto acima, ainda havia um certo nível de separação e independência entre as províncias. Além disso, no início desse processo as até então autoridades locais de cada grupo não foram totalmente eliminadas mas trabalhavam como "clientes" de Roma, mantendo sua autoridade local, porém, ainda assim, pagando tributos ao governo romano (HARDING, 2010, p. 156).

Todavia, essa divisão foi muitas vezes vista como algo que retornou facilmente após a retirada romana e a constante regionalização da Ilha. Não podemos, no entanto, pensar nesse movimento como ocorrendo de uma hora para outra. Como afirmam J. D. Hill and D. W. Harding (HILL apud HARDING, 2010, p. 157), é muito simplista a visão de que a influência romana teria sido tão superficial à ponto de que, quando retirada, as comunidades nativas da Ilha teriam revertido aos seus costumes e crenças do período da Idade do Ferro. Por outro lado, como ressalta Richard Hingley (1997), não podemos enxergar a relação entre os habitantes da *Britannia* e os romanos como a imposição de uma cultura sobre a outra, mas sim como uma constante troca cultural.

É entorno desta perspectiva que nosso trabalho busca girar. Portanto, compreendemos que a *Britannia* não estava um dia sob o poder romano e no dia seguinte, com a retirada do

contingente militar destes, retornou exatamente para como era antes do período sob o poder imperial. Assim como, ao mesmo tempo, ela não perdeu completamente as tradições e hábitos que possuía antes da dominação romana.

Primeiramente, é preciso lembrar que o Império não chegou a dominar efetivamente todas as partes da Ilha, mas também que os efeitos da colonização não foram idênticos nem homogêneos por todas as regiões da *Britannia*. Em segundo lugar, os habitantes dessa região não entraram em contato apenas com Roma. Ao longo dos séculos como diocese, a Ilha foi cenário de diferentes trocas culturais entre diversos grupos sociais e indivíduos que circulavam e muitas vezes se assentavam na Ilha. Um bom exemplo é o caso dos escotos, que adentravam a Ilha por meio do Mar Irlandês. Não é possível ignorar a longa relação entre a ilha da *Britannia* e a *Hibernia*, atual Irlanda. Os contatos entre as ilhas podem ser percebidos desde muito antes da dominação romana sobre a *Britannia*.

Quando olhamos para a arqueologia dessa região na Antiguidade Tardia, também encontramos trocas materiais e, portanto, culturais, como demonstrado pelo desenvolvimento de um tipo específico de broche, conhecido em inglês como *peannular*, datado como do século IV e que foi encontrado em sítios arqueológicos tanto na Irlanda como na Grã-Bretanha. Segundo Thomas Charles-Edwards (2013, p. 225-6), esse tipo de broche era, muito provavelmente, um símbolo de status e se tornou uma linguagem compartilhada nos dois lados do Mar Irlandês.

Outro elemento de cultura material que contribui para a nossa compreensão dos contatos entre as Ilhas são as *Ogham Stones*, monumentos com inscrições em *Ogham*, alfabeto utilizado com as primeiras formas da língua irlandesa (SANTOS, 2015, p. 2). Estes podem ser encontrados na Irlanda, Ilha de Man, Escócia, País de Gales e Inglaterra. Algumas dessas inscrições, no entanto, são diferentes, pois apresentam um caráter bilíngue/biliteral, ou seja, em *Ogham* e em Latim. Dentre as centenas de inscrições em *Ogham*, trinta e três são bilíngues e são encontradas no País de Gales, Devon, Cornualha e Ilha de Man.³

Embora haja uma longa discussão sobre a origem da escrita *Ogham* que não pode ser abarcada satisfatoriamente neste trabalho, a existência desta tradição em ambas as Ilhas atesta para diversos grupos étnicos dividindo, negociando e disputando suas identidades na região durante o período da Antiguidade Tardia. Como afirma Charles-Edwards (2013, p. 174), a presença de irlandeses na *Britannia* não precisa ter ocorrido devido à uma migração em massa, mas a presença de vestígios de uma elite falante do irlandês corrobora para a imagem de um

contato constante e ativo o suficiente para a adoção de aspectos culturais irlandeses na *Britannia*.

Além desse grupo, Gildas narra o constante contato entre britânicos com pictos que, juntamente com os escotos, invadiam e pilhavam a *Britannia* por gerações. O clérigo ainda afirma que pictos e escotos seriam "*gentibus transmarinis*", nações ultramarinas (GILDAS, *De Exc.*, 14.1. p. 93.). Contudo, pictos são normalmente localizados na região norte da Ilha, um grupo que tem suas origens e características ainda muito discutidas. No início da conquista romana da Ilha da *Britannia*, o historiador Tácito, escrevendo por volta de 98 d. C., se refere à esta região como Caledônia, no entanto, habitada por *britanni*, ou seja, britânicos.

Dessa forma, não era feita uma distinção entre os britânicos do sul e os do norte. Isto se repete também na obra de outro historiador, Dião Cássio, escrita mais de um século depois. Ainda que este autor acrescente a divisão dos britânicos do norte entre caledônios e *maetae*, estes continuam sendo *britanni* (SCHUSTER, 2012, p. 30). É apenas no final do século III, no *Panegírico de Constâncio VIII*, do ano de 297, que ocorre o primeiro registro conhecido do termo picto, passando a ser cada vez mais utilizado (Ibidem, p. 12).

Existe ainda um desacordo entre os especialistas sobre o termo em Latim *picti*, se este seria uma latinização de um termo nativo ou apenas o modo como os romanos se referiam a estes povos (YORKE, 2009, p. 47). A formação dessa identidade parece ter ocorrido ao longo de um processo de confrontos com os romanos, nos quais esses povos dispersos ao norte da Ilha teriam se unido e a partir da consciência de suas similaridades frente a um inimigo em comum, construído certa identidade unitária. Assim, a identidade dos pictos como um grupo parece ter sido o resultado da fronteira romana, assim como ocorreu com outros povos no Continente (CHARLES-EDWARDS, 2013, p. 36).

Podemos inferir que nem todos os elementos da cultura que compreendemos como romana foi apagada da vida dos habitantes da ilha, mesmo um século após a retirada do Império da região. Ainda assim, mudanças ocorreram constantemente, principalmente devido ao intenso contato entre britânicos e esses outros grupos populacionais. Além disso, ao longo do século V vemos na Ilha o assentamento de povos que conhecemos como anglo-saxões que teriam sido convidados pelos próprios britânicos como *Foederati* para auxiliarem na proteção contra ameaças externas. Estes grupos, contudo, após se estabelecerem principalmente no lado oriental da Ilha, iniciaram um processo de conquista de território que, aos poucos, abarcou boa parte da região leste.

Portanto, por mais que Gildas, ao escrever no século VI sua carta, se dirija ao seu provável público como sendo britânicos, ou melhor, se refere à região de uma maneira generalizante, como se a *Britannia* fosse uma personagem por si só, não podemos esquecer que seu contexto não era formado por um grupo homogêneo de pessoas. É preciso que a ideia de uma completa homogeneidade entre os habitantes da Ilha seja desconstruída. Mesmo que algumas fontes apontem para esse caminho, um olhar mais cuidadoso sobre elas será capaz de perceber que não havia uma única identidade ou, como afirma Richard Miles (2002, p. 3), suas identidades estavam em constante estado de fluxo e desenvolvimento.

O que podemos inferir é que Gildas tinha como grupo alvo de suas críticas os que considerava como seus compatriotas e, devido a situação que verificamos na Ilha no momento de escrita do clérigo, no qual os povos anglo-saxões consolidavam o seu assentamento na parte leste da insula, é provável que a narrativa do autor possa ser melhor aplicada para o contexto da região oeste da Ilha.

Consequentemente, quando neste trabalho nos referimos à *Britannia*, compreendemos como esta sendo a denominação da região da qual Gildas parece fazer parte: a região Oeste da Ilha, especificamente o País de Gales e o Condado da Cornualha, região que, durante seu período como parte do Império, estava inserida na província romana chamada de *Britannia Prima*. Na qual viviam britânicos descendentes de cidadãos do Império, de cerca de quase dois séculos antes, mas também escotos advindos da Irlanda e até mesmo indivíduos que compartilhavam de diferentes heranças, tanto genéticas⁴ como culturais. Além destas questões de identidade, outro aspecto da vida de Gildas precisa ser explorado: sua inserção no mundo do Cristianismo, como veremos a seguir.

Christiana Civilitas: comunidades cristãs e a *Britannia* na Antiguidade Tardia

A Antiguidade Tardia, assim como outros períodos históricos, não pode ser pensada de uma maneira estática. A movimentação de sujeitos históricos faz parte da História e no caso do Império romano, este construiu um ambiente que em grande medida ampliou esta mobilidade entre o seu território. Sabemos que a expansão do poder romano sobre parte do mundo na Antiguidade teve como uma de suas características o desenvolvimento de redes de contato entre diferentes regiões, representadas também pela construção de estradas que poderiam levar indivíduos ou grupos de um canto do Império para o outro. Afinal, conforme o exército romano conquistava determinadas regiões, ele construía estradas e pontes, sendo estes alguns "dos mais visíveis sinais da ocupação romana" (LEYERLE, 2009, p. 120).

Mas, além de servirem como um sinal da presença do poder de Roma, as estradas foram essenciais para os negócios do Império, auxiliando nos procedimentos burocráticos, fiscais e também militares. Dessa maneira, milhares de pessoas circulavam entre as várias províncias romanas e até mesmo além, cada qual com seus propósitos, fosse econômico, social, cultural ou até mesmo políticos. Acima de tudo, o desenvolvimento de estradas e outros meios de transporte era vital para a comunicação entre a capital e suas províncias (LEYERLE, 2009, p. 110).

Talvez facilitadas por esta estrutura, no âmbito do Cristianismo, as viagens, que faziam parte deste desde o seu fundamento, continuaram também na Antiguidade Tardia, com pregadores itinerantes que criavam diversas *ecclesiae*, isto é, comunidades de cristãos, que dependiam do constante fluxo de visitantes para seu apoio material e ideológico (Ibidem, 2009, p. 112). Muito provavelmente este caráter migratório auxiliou no desdobramento do Cristianismo ao longo do período Tardo Antigo (WOOD, 2005, p. 710). Indo de cidade em cidade, os cristãos propagavam sua crença, fosse de maneira intencional ou não. Também dessa forma, é provável que o Cristianismo tenha chegado ao Ocidente, "não por meio de missões sistemáticas, mas antes por cristãos viajando por outros motivos e que proclamavam a sua fé para quem encontravam." (DE PAOR, 1993, p. 8).

Ao longo deste período esta religião passa a ser uma forma de identificação entre indivíduos de diferentes regiões do mundo. Essa identidade cristã parece ultrapassar os limites tanto do Império romano como de outras unidades políticas, criando uma comunidade que embora ampla, mantinha contato entre si de forma constante. Wilfred Cantwell Smith (1993) considera este recorte temporal como pertencente ao que ele denomina de *scriptural movement*, em referência às várias tendências religiosas do Oriente Próximo dos primeiros séculos da era de Cristo até a Antiguidade Tardia, que foram chamadas por Max Muller de *religions of the book* (MULLER apud STROUMSA, 2008, p. 65-6).

Dessa forma, neste período, podemos ver diversas religiões que tinham no livro uma importante ferramenta de adoração e legitimação. Não devemos, no entanto, acreditar que a importância atribuída às Escrituras Sagradas fazia parte apenas do Cristianismo, sendo que esta teve uma origem muito anterior. Ainda assim, o uso de livros foi parte significativa da caracterização e do crescimento da religião cristã. Como afirma Guglielmo Cavallo (1995, p. 135-6), "O Cristianismo, de fato, considerava o códice escritural [bíblico] meio de difusão da palavra divina". Embora a concepção dos livros que compõem o que conhecemos hoje como Bíblia tem uma história própria e a construção da sua canonicidade tenha sido um processo

longo e permeado também de conflitos internos, as Escrituras Sagradas serviram como um parâmetro que auxiliou na construção de comunidades cristãs, fornecendo elementos de identificação entre diferentes pessoas, locais e períodos (PINHEIRO, 2013, p. 297-8).

Com a importância dada aos livros sagrados, vemos também a movimentação de um grande fluxo de outros escritos além da Bíblia. Para Guy Stroumsa (2008, p. 68), foi no meio monástico que tal movimento foi mais presente e no qual "uma nova cultura do livro nasceu". Ainda assim, nos círculos cristãos, as obras dependiam basicamente de um sistema de troca "entre uma elite alfabetizada, [...] seja leiga ou clerical" (WILLIAMS, 2006, p. 243).

Um bom exemplo de autor que integrava esta comunidade textual que se fortificou com o Cristianismo foi Jerônimo, um religioso que nasceu em ESTRIDÃO, perto de Aquileia, na região da Dalmácia, por volta de 347 d.C., mas que viajou para diferentes regiões do mundo romano e escreveu inúmeras obras, assim como diversas cartas, (FARMER, 2004, p. 451) nas quais é possível encontrar menções da constante circulação de textos no seu contexto. Também inserido na cultura de troca de presentes, este autor dedicava boa parte de suas obras para pessoas específicas, geralmente patrocinadores de seus escritos. Segundo Megan Hale Williams (2006), "a habilidade com que ele inseriu esses trabalhos na economia da troca de presentes entre as elites romanas tardias foi recompensada tanto com um público ávido quanto com o apoio financeiro para suas atividades literárias" (p. 234-241).

É a partir dele também que podemos pensar na conexão mais específica entre a Ilha da *Britannia* com outras partes do Mediterrâneo. Por volta de 397 d.C., Lucinus da Bética enviou um grupo de seus escravos para Belém, a fim de copiarem toda a obra de Jerônimo, e trazerem consigo os escritos do autor para a região da *Hispania*. A partir daí, Lucinus poderia disponibilizar estes textos para serem copiados por outros membros do clero, aumentando sua circulação. Além deste caso em particular, encontramos nas cartas de Jerônimo vários outros exemplos deste tipo de circulação e da criação de uma série de laços entre Belém e monges, padres e bispos na Gália, Norte da África e outras regiões (WILLIAMS, 2006, p. 245-247).

Outro caso é apontado por Sidônio Apolinário,⁵ bispo de Clermont-Ferrant na Gália, no século V, ao escrever para seu amigo Faustus, afirma que o deixa "agravado a ofensa de que, ao atravessar Auvérnia" um padre a caminho da *Britannia*, carregando consigo escritos de Faustus, teria ficado na cidade por dois meses, sem divulgar, no entanto, que possuía tais livros. Sidônio descreve então como teve que perseguir o padre após descobrir sobre os textos, juntamente com vários escribas que ao o alcançarem, começaram prontamente as suas cópias

(SIDONIUS APOLLINARIS, *Epistola* 9.9.6.). A partir desta narrativa, percebemos como textos poderiam se movimentar entre os círculos eclesiásticos ao longo da Antiguidade Tardia.

Juntamente com esta circulação de indivíduos, livros e outros documentos, ideias e concepções de mundo também se movimentavam e se espalhavam por diversas localidades criando redes de contato e de identificação entre indivíduos que possuíam, de maneira primordial, o Cristianismo como elementos de união. Essa ideia de uma comunidade universal, unida pela fé cristã e que ia além dos limites do mundo romano, parece ter chegado também à *Britannia* de Gildas.

O historiador S. T. Loseby (2000, p. 319) afirmou em um de seus textos que durante os séculos IV e V a "*Britannia* teria, de fato, derivado para a periferia da civilização" do período. Contudo, tal afirmação levanta algumas problemáticas. Afinal, a Ilha estaria em uma posição periférica em relação a que centro? O que e quem define este centro? Novamente podemos perceber a análise de questões feitas partindo da ideia de Roma, ou o Império romano de maneira mais geral, como o centro dos acontecimentos. Como já discutido aqui, acreditamos ser necessária uma abordagem que pense os Mundos Tardo Antigos como interligados ao mesmo tempo em que analisamos contextos mais específicos. O Cristianismo, partindo da ideia explorada acima, da religião como formadora de uma comunidade cristã que ia além de limites geográficos e políticos, é uma forma de analisarmos o contexto da *Britannia* como participante da tardo antiguidade e não como região periférica e isolada.

Na *Britannia* é provável que o Cristianismo tenha chegado da mesma forma como a religião se espalhou pelo continente. Conforme afirma Liam De Paor (1993, p. 9), muito antes da dominação romana da Ilha em 43 d.C. já havia um considerável comércio entre a região e o resto do mundo antigo. Por meio dessas rotas comerciais, indivíduos circulavam e levavam consigo suas crenças e culturas.

Contudo, não é possível delimitar com certeza quando as práticas cristãs começaram a aparecer na *Britannia*. As primeiras menções sobre isto foram feitas por Tertuliano e Orígenes, ambos teólogos do Norte da África, e que afirmavam, por volta do ano 200 d. C., que "o Cristianismo era praticado em partes da *Britannia* fora dos assentamentos romanos" e, ainda, que seu crescimento fora tão grande que Orígenes se referia a ele como uma "força unificadora" (ALCOCK, 2011, p. 141). Embora tais indivíduos estivessem falando de uma região tão distante da Ilha, a menção por si só nos permite inferir a existência do Cristianismo na *Britannia* já no século III d. C..

Ainda assim, por meio da documentação disponível é possível perceber que a instituição da igreja perpassou por um processo de organização desde a sua chegada na ilha britânica. Durante o período imperial essas instituições se baseavam normalmente nas províncias, com a sé episcopal localizada na capital de cada *civitas*. É de se esperar que essa estrutura tenha se mantido dessa forma, pelo menos em algum nível, durante a Antiguidade Tardia, embora não completamente (DE PAOR, 1993, p. 15-16).

Quando falamos sobre o Cristianismo na *Britannia*, novamente a sua relação com a Ilha vizinha precisa ser lembrada. De acordo com Charles-Edwards (2013, p. 182), a emergência de uma comunidade cristã na Irlanda no século V foi contemporânea às invasões e assentamentos irlandeses na *Britannia*. As autoridades eclesiásticas na Irlanda, segundo De Paor (1993, p. 4), seriam indivíduos advindos tanto da *Britannia* como da Gália, o que atesta para uma conexão entre essas regiões.

Portanto, mesmo que muitas vezes seja afirmado que a Irlanda não foi dominada pelos romanos e, assim, não sofreu nenhum tipo de influência, isso não significa que aspectos da cultura romana, existentes na *Britannia*, não tenham sido trocados com os habitantes da então *Hibernia*. O contato entre essas duas Ilhas pode ser visto como constante, tanto de maneira hostil como amistosa, e permitiu uma troca de ideias, objetos e culturas de forma bilateral, isto é, ambos os lados contribuíram nessa troca. Então, nem a Irlanda foi apenas romanizada por meio da *Britannia*, nem esta foi apenas celticizada pela Irlanda.

Mas, é interessante pensar que, no tempo de Gildas, o Cristianismo já era praticado na Irlanda, sendo um britânico, São Patrício, grande contribuidor dos processos de evangelização da Ilha da *Hibernia* algumas décadas antes do provável nascimento de Gildas, c. 500. Ainda assim, este não menciona nada relacionado à isto e, ainda, trata escotos (irlandeses) como um povo externo, bárbaro, pagão e inimigo dos britânicos. Talvez isso se deva à uma tentativa de Gildas de criar uma narrativa de unidade britânica, principalmente sob um viés cristão. Para isso, era necessário delimitar de maneira contundente o outro, o diferente, o inimigo. Devido à antiga prática de ataques irlandeses à Ilha da *Britannia* e da possível ameaça às dinastias britânicas (se considerarmos os prováveis assentamentos e até mesmo o comando de reinos por irlandeses que se estabeleceram na região, como apontado por Charles-Edwards), é possível inferir que não seria interessante para os objetivos da narrativa de Gildas, naturalizar a presença e o poder de indivíduos que não fossem britânicos na região.

Na sequência, buscaremos refletir um pouco mais sobre a relação da *Britannia* com a *Hibernia* e o Continente, por meio de uma breve análise de três personagens cristãos: Patrício,

Pelágio e Gildas, sendo que cada um estabelece um tipo de relação diferente entre a Ilha e o resto do mundo.

Patrício, Pelágio e Gildas: entre o mar irlandês e o continente

Embora saibamos ainda menos sobre a inserção do Cristianismo na *Hibernia*, duas personagens são muito importantes para pensarmos sobre a religião na Ilha, Paládio e Patrício. Próspero de Aquitânia, em sua obra *Epitoma Chronicorum*, relata que Paládio teria sido enviado pelo então Bispo de Roma, Celestino, "aos irlandeses que creem em cristo" por volta do ano de 431 (SANTOS, 2012, p. 73). Dessa maneira, nos parece que o clérigo não foi enviado necessariamente numa missão de evangelização, mas sim para auxiliar e, talvez, solidificar uma congregação cristã já existente na região, seja qual fosse o seu tamanho.

Segundo Charles-Edwards, o possível motivo desse envio tenha sido a provável ameaça do pelagianismo, heresia que se espalhava por várias partes do mundo antigo e que será trabalhada logo mais. Seja lá qual fosse a intenção por trás do envio de Paládio à Irlanda, o que neste relato nos interessa é o fato dele apontar para a relação entre as igrejas de Roma e da *Hibernia*.

Já Patrício corrobora para a conexão entre *Hibernia* e *Britannia*. Este foi um clérigo nascido na *Britannia* e que auxiliou na expansão da religião nas Ilhas Britânicas. Segundo R. P. C. Hanson (1997, p. 35), no período no qual ele vivia, o Cristianismo era praticado por grande parte dos britânicos, já que era associado à cidadania romana. A família de Patrício parece indicar uma presença constante de práticas cristãs ao longo de diferentes gerações, sendo seu avô um presbítero e seu pai diácono (SANTOS, 2007, p. 107). Tendo sido sequestrado com dezesseis anos por piratas e levado para ser vendido como escravo na Irlanda, Patrício viveu na região por cerca de seis anos até conseguir retornar à *Britannia*. Em 432 teria decidido voltar para a Irlanda afim de exercer uma missão evangelizadora.⁶

Durante seu período como evangelizador dos irlandeses, o clérigo teria escrito pelos menos dois documentos sobre os quais temos conhecimento na atualidade. O primeiro é conhecido como *Confessio* que, segundo Dominique Santos, teria sido escrito já no final de sua vida, por volta do ano 450 d.C. (2007, p. 107). Esta seria uma espécie de autobiografia, na qual o autor discorre sobre os problemas e desafios que enfrentou em suas diversas viagens, assim como um pouco sobre a sua personalidade (SÃO PATRÍCIO, *Confessio*). O segundo, *Epistola ad Milites Coroticci*, é uma carta aberta escrita para *Coroticus*, um chefe de soldados que perseguia, matava e aprisionava os cristãos irlandeses, entregando-os para pictos, povo não-

cristão que habitaria a região que na atualidade corresponde à Escócia (SÃO PATRÍCIO, *Epistola ad Milites Corotici*).

Na *Confessio*, Patrício busca se defender de acusações de que ele havia ido para a Irlanda com o propósito de ganhar dinheiro com a sua pregação. Os acusadores parecem ter sido membros do clero britânico e, para Santos, Patrício parece respeitar a autoridade destes inquisidores, já que em nenhum momento questiona o ato de crítica cometido por eles (2008, p. 58). Temos então uma relação estabelecida entre a Igreja na *Britannia* e na Irlanda, sendo Patrício um dos elementos fundadores desta conexão.

Além desta relação com a Ilha vizinha, segundo David Petts (2004, p. 73), a igreja britânica na Antiguidade Tardia é vista como tendo "fortes laços (teológicos, artísticos e institucionais) com a parte sul e oeste da França, o Mediterrâneo e, por fim, com o Mundo Bizantino por meio das via marítimas do Atlântico". Portanto, é possível assumirmos que durante o século quarto, a igreja britânica era vista como parte da mais ampla igreja romana. Ao longo do século IV podemos indicar, por exemplo, a participação ativa de clérigos britânicos em eventos da Igreja no Continente. Dois exemplos são o Sínodo de Arles, chamado pelo Imperador Constantino no ano de 314 e que contou com a presença de, pelo menos, três bispos britânicos. E novamente em 359, no Sínodo de Rimini, convocado por Constâncio II, contamos também com a presença de três bispos, provavelmente das mesmas sés dos que compareceram em Arles (CHADWICK, 1961, p. 14).

Outra personagem que participa de ativas discussões eclesiásticas no Continente mas é indicada como de possível origem britânica foi Pelágio, (c. 350 - c. 418 d.C.), um teólogo e reformador ascético. Defensor de um modo de vida austero, este eclesiástico é atribuído como o criador de um movimento que foi considerado como herético por outros setores da Igreja Cristã, o pelagianismo. Este que, por si só, é um exemplo da conexão de acontecimentos entre a Ilha da *Britannia* e o Continente, não pode ser percebido como um movimento organizado, mas consistiu, na realidade, de diversos indivíduos e suas ideias associadas à Pelágio e rejeitadas pela Igreja (WEAVER, 2018, p. 1155). Algumas das principais convicções destes estavam relacionadas com a ideia de graça, predestinação (SANTOS, 2008, p. 49-50) e ao livre arbítrio como um "presente divino e duradouro" (WEAVER, 2018, p. 1155).

Embora o foco das discussões quanto ao pelagianismo tenha ocorrido no Continente, alguns documentos históricos afirmam que haveria na *Britannia*, em meados do século V, uma gradual adoção aos ideais defendidos por Pelágio e seus seguidores. Para combater esta heresia,

Germano, Bispo de Auxerre e Lupus, Bispo de Troyes, são enviados para a Ilha (PETTS, 2004, p. 75).

De acordo com Dumville (1997, p. 87), o pelagianismo teria tido uma particular significância para os cristãos britânicos, sendo que esse movimento teria uma relação com as ilhas britânicas de duração e importância incerta após 430 d.C.. Contudo, para este autor seria significativo que na região do sudeste da Gália, as práticas monásticas teriam simpatizado com alguns dos ensinamentos de Pelágio até, pelo menos, o século VI. Conforme vimos, a *Britannia* mantinha um constante contato também com a Gália e, ainda, como será explorado a seguir, existe uma possível relação entre os movimentos monásticos das duas regiões.

Contudo, ainda que a *Britannia* e a Gália tenham mantido considerável contato, não podemos afirmar que as práticas cristãs fossem idênticas nas duas regiões. Dumville (1997, p. 89-90) argumenta que o tamanho da *Britannia* e seu caráter insular teriam permitido um nível de homogeneidade social que facilitaria a aceitação do Cristianismo de uma forma que não teria ocorrido na Gália. No entanto, acreditamos que tal consideração pode ser um pouco precipitada. Como já afirmado, a *Britannia* nunca foi habitada por grupos completamente homogêneos, nem antes, durante, ou depois da dominação romana. Portanto, por mais que a Ilha seja uma região mais delimitada, isso não significa que a religião cristã tenha sido aceita facilmente ou de maneira uniforme por todas as partes da ilha.

Ainda assim, percebemos que após a retirada administrativa romana da Ilha, que tradicionalmente é vista como ocorrendo na primeira década do século V, o Cristianismo é um dos elementos de continuidade e permanência com o passado provincial britânico, sendo que a obra de Gildas, escrita não mais de um século depois, atesta para a existência de um clero atuante na região.

O historiador Michael Lapidge assinala a importância de tentarmos compreender um pouco melhor a educação pela qual Gildas teria passado. Para este autor, a formação do clérigo teria sofrido uma maior interferência da educação latina romana e não de uma educação primária eclesiástica já que, de acordo com Lapidge (1988, p. 31), em uma escola episcopal os estudos de textos clássicos e de retórica não eram foco principal. Estes dois pontos são identificados pelo autor ao comparar partes da *De Excidio* com partes de autores clássicos, como Virgílio, autor da Eneida e principal base para o ensino do Latim em Roma (LAPIDGE, 1988, p. 28). Portanto, Gildas teria recebido uma educação privada de um *rethor*, função responsável também pela educação dos jovens romanos.

O que é possível afirmar é que, ao analisarmos sua narrativa, percebemos que Gildas estava profundamente inserido em uma cultura cristã. Mas, contrário à ideia de que a igreja na *Britannia* era completamente diferente da Continental, ou romana, Gildas evidencia uma constante relação entre as comunidades religiosas na Antiguidade Tardia, o que não descarta as especificidades e diferenças de cada região.

Assim, um ponto que legitima o constante diálogo entre *Britannia* e Continente, é o fato de que o próprio Gildas afirma que, para escrever sua epístola, utilizará não "resquícios de escritos nativos, uma vez que, se existiram, ou foram queimados por inimigos ou removidos pelos cidadãos quando foram para o exílio", mas sim "relatos estrangeiros, que têm frequentes lacunas não sendo claras o suficiente" (*De Exc.*, 4.4)⁷. Com isso, podemos inferir que ele tinha acesso à obras escritas por autores do Continente.

Alguns estudiosos já se dedicaram a executar um exame atento de empréstimos e reminiscências verbais na *De Excidio Britanniae* que podem revelar algumas das obras que Gildas conhecia. Os livros da Bíblia são, de maneira contundente, a fonte principal do autor, na qual este baseia sua narrativa, tanto num sentido estético, como trabalhado pela historiadora Karen George, que assinala a utilização tanto da "repetição simétrica" quanto do "paralelismo", ambas utilizadas por Gildas e consideradas por David Howlett como principais "estilos bíblicos"; mas também moral, indo ao encontro da cultura literária cristã de seu período (GEORGE, 2009, p. 2). De acordo com Luca Larpi (2008, p. 99), as citações da bíblia representam uma parte importante da *De Excidio*, cerca de 25% de todo o texto e, além disso, essa tendência de utilizar os livros da Bíblia como testemunhas de seu relato pode ser observada em muitos outros autores cristãos, como João Cassiano, Salviano, Cipriano de Cartago, entre outros.

Mas, não apenas textos das escrituras eram utilizados por clérigos no momento de criação de suas próprias narrativas. Como já observado por diversos autores, dentre eles Theodor Mommsen, François Kerlouégan e Neil Wright, é possível detectar diferentes níveis de referência a outros textos, tanto clássicos como religiosos na escrita de Gildas, ainda que não possamos determinar de maneira contundente de que forma o autor teve acesso a estas obras, nem mesmo todos os escritos que ele consultou.

Wright (1991), partindo de análises anteriores, cria um "*index scriptorum*" indicando os autores e obras que teriam sido utilizadas pelo autor britânico, assim como os trechos específicos dos quais Gildas teria se utilizado em forma de citações, imitações e ecos, conforme indicado por Wright. Dentre várias possíveis referências encontradas no seu texto, a utilização

da Eneida de Virgílio, como afirmado anteriormente, é inegável, já que o autor cita em diversas ocasiões, se utilizando da fórmula introdutória *ut dicitur*, principalmente passagens do Livro II da Eneida, o que, segundo Wright (1991) pode estar relacionado com o tema da destruição de Tróia encontrado neste volume, sendo este uma boa fonte para as vívidas imagens verbais que caracterizam o seu texto.

No entanto, talvez mais revelador, pelo menos para os objetivos desta pesquisa, seja a utilização de outros autores e obras ligadas ao Cristianismo, como João Cassiano (c. 360 - 435), Tiberius Claudius Donatus (c. 430s), Evágrio (c. 346 - 399/400), Jerônimo (c. 347 - 420), Juvenco (séc. IV), Paulo Orósio (c. 385 - 420?), Prudêncio (c. 348 - 410), Rufino de Aquileia (c. 340/345 - 410), Célio Sedúlio (primeira parte do séc. V?), Sulpício Severo (c. 363 - 425) e Victricius de Rouen (c. 330 - 407). Autores que teriam vivido e escrito cerca de um século antes do nascimento do próprio Gildas e em regiões que vão desde a *Hispania* até Belém na Palestina.

É importante destacarmos que no período de Gildas já não mais encontramos a *Britannia* sob o poder do *imperium* dos romanos, ainda que o autor pareça acreditar que estes são superiores aos britânicos, principalmente quanto ao aspecto militar. O autor aparenta conectar a *Britannia* a uma ideia de civilização ligada agora a visão de *Christianitas*, de pertença a uma comunidade que ia além dos limites da Ilha, mas também além do que havia sido o Império romano do Ocidente.

Nesse sentido, outro aspecto que parece ligar a *Hibernia* e a *Britannia*, tanto entre si como com o resto do Mundo Antigo e Tardo Antigo é o monasticismo. Segundo Dumville (1997, p. 85-86), o monasticismo pode ser percebido como um elemento significante para o desenvolvimento do Cristianismo nas ilhas britânicas durante os séculos VI e VII. Porém, embora práticas cristãs em si não fossem algo inédito na *Britannia* do século VI, é difícil estabelecer quando o movimento monástico começou a ser praticado nessa região e por qual via este chegou até a Ilha.

Para Dumville (1997, 86), o monasticismo gaulês seria a provável fonte do monasticismo na região insular e parece ter surgido na segunda metade do século IV. Ainda de acordo com este autor, haveria na Gália duas vertentes monásticas sendo praticadas na região antes de 500 d.C. Uma estava associada à Martinho de Tours e seus discípulos, sendo mais presente na região oeste e Sulpício Severo e Victricio de Rouen seus principais escritores. Já a outra, estava centrada nos monastérios de Lérin e Marselha além de outras partes da costa sudeste da Gália. Seus principais representantes seriam João Cassiano, Hilário de Arles e Vicente de Lérin.

João Cassiano, com suas obras *Institutes* e *Conferences*, com seu caráter comparativo da vida em diferentes tradições monásticas do deserto na cristandade oriental, pode ter sido um dos pontos de influência do monasticismo na região insular, sendo que é possível que tanto Patrício quanto Gildas tenham tido acesso à esse autor de alguma forma (HERBENICK, 2000, p. 15). Martinho de Tours também pode ter influenciado a Ilha. Ele seria ex-militar romano, monge e, mais tarde, bispo de Tours no século IV, e grande responsável pelo monasticismo do que é hoje a região nordeste da França, sendo a sua vertente relativamente intolerante ao paganismo, com estratégias de conversão como a destruição de templos e ídolos pagãos. Embora não exista uma ligação direta entre Martinho e a *Britannia*, afinal esse provavelmente nunca visitou a Ilha, alguns de seus discípulos podem ter sido responsáveis pela influência desse movimento na região do Mar Irlandês (DARK, 2011, p. 30). Como foi o caso de Victricio de Rouen, que teria visitado a *Britannia* por volta de 400 d.C. por causa de uma disputa eclesiástica e, possivelmente, além de ter participado de uma troca cultural com outros clérigos britânicos, pode ter também contribuído com a circulação de escritos de autores do Continente (DUMVILLE, 1997, p. 86-87).

Quanto a obra de Gildas, podemos inferir que, ao escrever a *De Excidio*, o autor tinha em mente pelo menos dois grupos no âmbito eclesiástico. Um deles, de acordo com Dumville (1997, p. 97), seriam os pastores, irmãos na fé de Gildas e que "podemos assumir que faziam parte do clero secular" e estes seriam *paucissimi*, muito poucos. O outro grupo seria aquele que Gildas afirma louvar e preferir acima de "todas as riquezas do mundo. Se assim for, desejo e tenho sede de participar dessa vida por algum tempo antes de morrer" (*De Exc.*, 65.2).⁸ Como ele já fazia parte do clérigo secular, possivelmente como diácono, como visto anteriormente, podemos inferir que ele estivesse se referindo às ordens monásticas (DUMVILLE, 1997, p. 97).

Para Raymond Herbenick, David Dumville e Lesley Whiteside, também Patrício parecia estar ciente da existência de uma ética monástica tradicional dos Pais do Deserto no Egito, inclusive de suas biografias e escritos, sendo que, embora ele aparente não fazer parte de nenhuma ordem monástica, é possível perceber uma postura ética e espiritual monástica nos escritos de Patrício (HERBENICK, 2000, p. 15).

Além disso, segundo Dumville (1997, p. 93-94), antes do final do século V, Patrício estaria introduzindo alguns dos seus irlandeses convertidos à vida monástica. Embora não possamos afirmar que o bispo tenha sido o primeiro a incentivar o movimento na Irlanda, podemos supor que ele teria se tornado familiar com a teoria e a prática do monasticismo

durante o seu treinamento eclesiástico na *Britannia*, não mais tarde do que no meio do século V.

Ainda que não possamos afirmar que o contexto da *Britannia* pós-romana seja exatamente o mesmo de outras regiões na Antiguidade Tardia, os habitantes remanescentes na Ilha não passaram, de um dia para o outro, a ter uma vida nos estilos pré-romanos e completamente nativo, mas compartilhavam de uma cultura "romano-cristã" (DARK, 2011, p. 53), faziam parte também da *Christiana Civilitas* e foram transformando tal sociedade aos longo dos séculos V e VI. Quando falamos em identidade, é importante destacarmos que este é um conceito complexo e que tem recebido diferentes contribuições tanto da historiografia como das Ciências Humanas de maneira geral. Conforme afirmou Robert Ree Davis (1995, p. 8-9), identidade "é relacional; é a alteridade que, geralmente, melhor serve para [...] salientar identidades". Dessa forma, é a percepção do outro que afeta a identificação de alguém com a sua própria comunidade (POHL apud SCHUSTEREDER, 2013, p. 39). Além disso, diferentes aspectos podem compor identidades variadas, tanto no âmbito individual como no social. A construção identitária, considerando as afirmações de Denys Cuche (1999, p. 182), deve ser localizada "no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam suas representações e suas escolhas". Desta forma, elas são sempre dotadas de uma eficácia social e produtoras de efeitos sociais reais.

Nesse sentido, as construções de identidades religiosas, seja lá quais fossem estas, também afetavam a vida social e política de indivíduos por todo o Mundo Tardo Antigo. Conforme afirma Isabella Sandwell (2007), "o que significa ser membro de uma religião só pode ser construído em relação ao que significa ser membro de outra religião, a interação religiosa é sempre um pré-requisito para a existência de identidades religiosas" (p. 3-4).

Portanto, as identidades cristãs são construídas em face às outras religiões, mas também em relação as diferentes práticas do Cristianismo que existiam ao longo da Antiguidade e Antiguidade Tardia. Assim, quando analisamos o discurso de Gildas quanto aos que ele considera como seus iguais podemos perceber a construção de uma identidade que valoriza o "eu" em detrimento do "outro", isto é, o "cristão" versus o "pagão". Ao desenvolver essa dinâmica identitária, algumas fronteiras podem ser ultrapassadas, afinal, se aqui o que delimita a identidade é o Cristianismo, diferenças na localização já não são tão importantes. Romanos, britânicos, galeses, entre outros, compartilhavam esta identidade que está ligada à religião cristã. Ainda assim, talvez isto seja um tanto simplificado. O próprio Cristianismo no século VI estava longe de ser uma prática completamente regulamentada e homogênea em todos os

territórios Tardo Antigos. Isto não quer dizer que esses indivíduos não se identificassem com outros praticantes da mesma fé, ainda que em relação à outros aspectos suas identidades se distinguissem.

Como vimos ao longo deste trabalho, a *Britannia* foi um território habitado por diferentes grupos que também passaram por transformações e adaptações nas suas culturas e identidades. Assim, Gildas e o mundo do qual ele fazia parte, foi analisado aqui como um exemplo desse processo de rupturas e continuidades que caracteriza o período da Antiguidade Tardia. Ao utilizar escritos de diferentes partes do mundo, tendo em comum com seus autores a crença cristã, Gildas nos permite inferir quanto a formação de uma identidade cristã que vai além de fronteiras físicas ou culturais.

Por fim, acreditamos que este artigo contribui para o debate quanto ao período da Antiguidade Tardia, mas também para as pesquisas sobre Gildas e a *Britannia* no século VI. Esperamos que a partir desta e outras análises possamos desenvolver formas de pensar esse passado levando em consideração as transformações e continuidades que auxiliaram na constante formação e reconstrução de identidades e culturas ao longo da História.

Nesse sentido, a personagem de Gildas representa uma *Britannia* da primeira parte do século VI e, principalmente em relação à região Oeste, como um mundo que descende não apenas de uma ou outra cultura, mas sim é o resultado de diferentes aspectos, situações e indivíduos, das trocas culturais efetuadas por séculos não apenas entre habitantes da *Britannia* e Roma, mas também entre os diferentes grupos que compunham essa região, assim como grupos externos que entraram em contato com a Ilha em diferentes momentos e circunstâncias.

Agradecimento

Agradecemos à CAPES pelo financiamento através da bolsa e ao CNPq pelo fomento.

Referências bibliográficas

- ALCOCK, Joan P.. *A Brief History of Roman Britain*. Londres: Robinson Publishing, 2011. 320p.
- BÉLO, Tais Pagoto. Britannia: violência, poder e contato. In.: *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. v. 25. n.47, Julho de 2018. pp. 77-109.
- BROWN, P.. *The World of Late Antiquity*. From Marcus Aurelius to Muhammad, London, Thames and Hudson, 1971.
- CAVALLO, Guglielmo. Libros y público a fines de la Antigüedad. In.: CAVALLO, Guglielmo. (Dir.). *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo: Guía Histórica y crítica*. Juan Signes Codoñer (trad.). Alianza, 1995.

- CHADWICK, Nora. *The Age of Saints in the Early Celtic Church*. Oxford, Oxford University Press, 1961. 166p.
- CHARLES-EDWARDS, T. M.. *Wales and the Britons, 350 - 1064*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 816p.
- CUCHE, D.. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999. 256p.
- DARK, Ken. *Britain and The End of the Roman Empire*. Reino Unido: The History Press, 2011. 272p.
- DAVIES, R. R.. Presidential Address: The People of Britain and Ireland, 1100–1400, 1. Identities. *Transactions of the Royal Historical Society*, 1994, 4. pp. 1-20.
- DE PAOR, Liam. *Saint Patrick's World*. Dublin: Four Courts Press, 1993. 335p.
- DUMVILLE, D. N.. The origins and early history of Insular monasticism: aspects of literature, christianity, and society in Britain and Ireland, A.D. 400-600. *Kansai University Institutional Depository*, 30. 1997. pp. 85-107.
- FARMER, D. H.. *The Oxford Dictionary of Saints*. Oxford: Oxford University Press, 2004. 579p.
- FRIGHETTO, Renan. De la *barbarica gens* hacia la *christiana ciuitas*: la concepción de *regnum* según el pensamiento político de Isidoro de Sevilla (siglo VII). In.: *Anuario del Centro de Estudios Históricos "Prof. Carlos S. A. Segrett"*. Córdoba, año 7, N° 7, 2007. pp. 203-221.
- FULFORD, Michael. *Coasting Britannia: Roman Trade and Traffic Around the Shores of Britain*. In.: GOSDEN, C., et al. (eds.). *Communities and Connections: Essays in Honour of Barry Cunliffe*. Oxford: Oxford University Press, 2007. pp. 54-74.
- GEORGE, Karen. *Gildas's De excidio Britonum and the early British church*. Studies in Celtic History 26, Woodbridge: Boydell Press, 2009. 216p.
- HANSON, R. P. C.. *Saint Patrick: his origins and career*. 2º Edição. Oxford: Oxford University Press, 1997. 248p.
- HARDING, D. W.. *The Iron Age in Northern Britain: Celts and Romans, Natives and Invaders*. London and New York, Routledge: 2010. 350p.
- HARRIS, Jill. Sidonius Apollinaris. In.: NICHOLSON, O.. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2018. pp. 1379-1380.
- HERBENICK, Raymond M.. Essay Two: Patrick As Eastern Christian Monastic Pastoral Ethicist? In.: HERBENICK, Raymond M.. *On the Erudition of the Historical St. Patrick*. (Celtic Studies, 2). Edwin Mellen Press, 2000. pp. 15-32.
- HINGLEY, R.. Resistance and domination: social change in Roman Britain. In.: MATTINGLY, D. (Org.). *Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse and Discrepant Experience in the Roman Empire*. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series, n° 23. Portsmouth, Rhode Island: 1997. pp. 81-100.
- LAPIDGE, Michael. Gildas education and the Latin culture of sub-roman Britain. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). *Gildas: New Approaches*. Suffolk: The Boydell Press, 1988. pp. 27-50.
- LARPI, Luca. *Prolegomena to a new edition of Gildas Sapiens, De excidio et conquestu Britanniae*. Tese (Doutorado em História). Universidade de Manchester. Manchester, 2008.
- LESLIE, Stephen et al. "The fine-scale genetic structure of the British population" *Nature* vol. 519,7543 (2015): 309-314.
- LEYERLE, Blake. Mobility and the Traces of Empire. In.: ROUSSEAU, P. (Ed.). *A companion to Late Antiquity*. Willey - Blackwell, 2009. pp. 110-123.
- LOSEBY, S. T.. Power and Towns in Late Roman Britain and Early Anglo-Saxon England. In.: RIPOLL, Gisela; GURT, Josep M. (eds.). *Sedes regiae*, ann. 400-800. Barcelona, 2000.
- MARROU, Henri-Iréneé. *Décadence romaine ou antiquité tardive?*. Paris: Le Seuil, 1977.

- MILES, R.. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, R. (edit.). *Constructing identities in late antiquity*. Taylor & Francis e-Library, 2002. pp. 11-25.
- PETTS, David. Christianity and Cross-Channel Connectivity in Late and Sub-Roman Britain. In.: HAARER, F., et al. (Orgs.). *AD410: The History and Archaeology of Late and Post-Roman Britain*. Society for the Promotion of Roman Studies. 2004. pp. 73-88.
- PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Cristianismo e *Ecclesia* na passagem da Antiguidade Tardia para a Idade Média. In.: *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.297-317, 2013.
- SANDWELL, Isabella. *Religious Identity in Late Antiquity: Greeks, Jews and Christians in Antioch*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 189p.
- SANTOS, D.. *As Representações da Cristianização da Irlanda Celta: Uma Análise das Cartas de São Patrício (V Séc. d. C.)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- SANTOS, D.. Os Livros das Cartas do Bispo São Patrício. In.: *Brathair* 7 (1), 2007. pp. 107-136.
- SANTOS, D.. *Patrício: A Construção da Imagem de um Santo*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-Romana: Evidências a partir das *Ogham Stones*. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, 2015.
- SANTOS, Dominique. *Exchanges and Connections across the Irish Sea in Late Antiquity - A Study of the Bilingual/Biliteral Roman-and-Ogham Inscribed Stones*. 2018. No prelo.
- SCHUSTER, J.. *A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na Britannia (43 – 409 e.c.)*. Monografia (Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/67219>. Acesso em: 27/09/2016.
- SCHUSTER, J.. *Retórica e representação: os lugares-comuns na caracterização do modo de fazer guerra de celtas e bretões do norte*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- SCHUSTEREDER, S. J.. *Strategies of identity construction: The writings of Gildas, Aneirin and Bede*. Bonn: Bonn University Press, 2013. 281p.
- SMITH, W. C.. *What is Scripture? A Comparative Approach*. Minneapolis: Fortress Press, 1993. 400p.
- SNYDER, C. A.. *The Britons*. Oxford: Blackwell Press, 2003. 352p.
- STROUMSA, Guy G. The Scriptural Movement of Late Antiquity and Christian Monasticism. *Journal of Early Christian Studies*, Volume 16, Number 1, Spring 2008. pp. 61-77.
- WEAVER, Rebecca. Pelagius, Pelagianism, and Semi-Pelagianism. In.: NICHOLSON, O.. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2018. pp. 1154-1155.
- WILLIAMS, Megan Hale. *The Monk and the Book: Jerome and the Making of Christian Scholarship*. Chicago: University Of Chicago Press, 2006. 312p.
- WOOD, Ian. Christianisation and the Dissemination of Christian Teaching. In.: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. pp. 710-734.
- WRIGHT, Neil. Gildas's reading: a Survey. *Sacris Erudiri*: vol. 32, n°2.,1991. pp. 121-162.
- YORKE, B., Britain and Ireland, c. 500. In: STAFFORD, P.. *A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500 - c. 1000*. Oxford: Blackwell Publishing, 2009. pp. 39-56.

Fontes

- GILDAS. *The Ruin of Britain and other documents*. Ed. e trans. Michael Winterbottom. London: Phillimore, 1978. 120p.
- SIDONIUS APOLLINARIS. *The Letters of Sidonius*, vol. II. Tradução, Introdução e Notas por O. M. D. Dalton. Oxford: Clarendon Press, 1915. 268p.
- PATRÍCIO. *Confessio e Epistola*. Traduzido por Dominique Santos. São Patrício por ele mesmo: Confissão e Carta aos Soldados de Coroticus. The Saint Patrick's Confessio Hypertext Stack Project. Royal Irish Academy. Disponível em: www.confessio.ie. Data de acesso: 29/03/2020.

Recebido em 31/03/2020.
Aceito em 25/05/2020.

¹ Artigo desenvolvido a partir da versão final da Dissertação de Mestrado, realizada no junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Gildas é uma personagem um tanto misteriosa. Diferentes autores têm debatido variados aspectos da sua vida, desde a sua datação até sua localização. Ainda que algumas questões continuem em discussão, certas informações podem ser colocadas aqui. Primeiramente, de acordo com Ken Dark, sabemos que Gildas fazia parte do clero britânico, ainda que não exatamente em qual posição. Também é possível inferir que em algum momento após a escrita da *De Excidio* ele teria virado um monge. A sua localização, tanto de nascimento quanto no momento da escrita de suas obras, ainda permanece desconhecida. Mesmo assim, Nicholas Higham afirma que podemos indicar a região Oeste da Ilha como mais provável para a sua localização. Por fim, a datação da *De Excidio* foi por muito tempo debatida mas, segundo David Dumville, existiria um consenso de que o ano de *circa* 540 d. c. seria o mais provável. Ver: DARK, Ken. *Britain and The End of the Roman Empire*. Reino Unido: The History Press, 2011. p. 35.; DUMVILLE, D.. The chronology of *De Excidio Britanniae*, book I. In.: LAPIDGE, M.; DUMVILLE, D. (org.). *Gildas: New Approaches*. The Boydell Press: Suffolk, UK. 1988. p. 61.; HIGHAM, Nicholas. Old light on the Dark Age landscape: the description of Britain in the *De Excidio Britanniae* of Gildas. *Journal of Historical Geography*, 17, 4 (1991). p. 368-9.

³ Agradecemos ao Prof. Dr. Dominique Santos pela disponibilização de livro, resultado de seu Pós-Doutorado e que ainda aguarda publicação. SANTOS, Dominique. *Exchanges and Connections across the Irish Sea in Late Antiquity - A Study of the Bilingual/Biliteral Roman-and-Ogham Inscribed Stones*. 2018. No prelo.

⁴ Estudos sobre a herança genética de diferentes regiões do Reino Unido tem sido realizados e sugerem algumas realidades interessantes. Sobre isso ver: LESLIE, Stephen et al. "The fine-scale genetic structure of the British population" *Nature* vol. 519,7543 (2015): 309-314.

⁵ Sidônio foi uma personagem muito influente em seu contexto. Provinha de uma família nobre e foi o "último galo-romano a ser *Praefectus Urbi* em Roma (468-9), [...] também foi responsável pela escrita de panegíricos para três imperadores (Antônio, Majoriano e Ávito)" este último sendo seu sogro. HARRIS, Jill. *Sidonius Apollinaris*. In.: NICHOLSON, O.. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1379

⁶ É importante destacar, como afirma Santos, que "não temos como saber com certeza quando Patrício nasceu, quando foi raptado, quando foi para a Irlanda. Todas as datas relacionadas a Patrício [...] são incertas e artificiais." Portanto, a datação fornecida aqui é reconhecida como relativa e passíveis de alteração. SANTOS, D.. *Patrício: A Construção da Imagem de um Santo*. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 74-79.

⁷ Em Latim: [...] *quantum tamen potuero, non tam ex scriptis patriae scriptorumve monumentis, quippe quae, vel si qua fuerint, aut ignibus hostium exusta aut civium exilio classe longius deportata non compareant, quam transmarina relatione, quae crebris inrupta intercapelinibus non satis claret*. p. 90.

⁸ Em Latim: [...] *verum etiam cunctis mundi opibus praefero, cuiusque me, si fieri possit, ante mortis diem esse aliquamdiu participem opto et sitio*. p. 118.